



## Capoeira - qual é a sua angola, regional ou contemporânea?

Rui Takeguma

“Melhor para chegar a nada é descobrir a verdade” (Manoel de Barros)

Nesta entrada de milênio, o universo da Capoeira se expandiu apresentando faces muito diferentes das que apresentou nos últimos séculos. Num primeiro contato se encontram dois ícones e dois estilos: Mestre Pastinha e a Capoeira Angola e Mestre Bimba com a Capoeira Regional. Mas, atualmente, no ambiente da Capoeira, rico em diversidades, há uma confusão semântica na origem, no desenvolvimento e na complexidade de formas de capoeiragem existentes. Este texto procura colocar um pouco de ‘lenha na fogueira’ nas definições. E se propõe a uma nova forma de ver as capoeiras.

Se há menos de 100 anos a Capoeira estava no código penal brasileiro, inclusive com presídio em Fernando de Noronha, para onde eram enviados os capoeiristas presos, hoje em dia possui a fama de único esporte genuinamente brasileiro, presente em muitos países, buscando se tornar esporte olímpico. Chegamos à virada do século com um “*Curso Superior Profissional Específico em Capoeira*” na Universidade Gama Filho, no Rio, e temos um número de capoeiristas em atividade como nunca houve na história. Por outro lado, uma minoria destes capoeiristas fazem Angola ou Regional enquanto quase a totalidade não faz nenhum destes estilos. Outros acham que fazem os dois...

Na sociedade capitalista globalizada temos que tomar muito cuidado com os conceitos. São várias as formas de expressão do poder e autoritarismo que geram sempre o mesmo resultado: exploração do homem pelo homem e desigualdade social, enfim, a destruição da vida. A história humana é escrita pelos vencedores e sempre interpretada buscando mostrar mudanças através das evoluções técnicas e tecnológicas, que são utilizadas para escrever as "páginas da desumanidade", onde há pouca evolução social e política. São várias as formas dessa ‘ilusão da evolução’, seja pela estrutura hierarquizada desvendada por Etienne de La Boétie, no século XVI no “**Discurso da Servidão Voluntária**”, passando por Wilhelm Reich mostrando como isso é feito na educação e, principalmente, nas famílias, e em “**A Sociedade do Espetáculo**” de Guy Debord, onde, alienados, aceitamos o espetáculo do cotidiano. Mostrada também atualmente nas denúncias do maior intelectual vivo (\*1), Noam Chomsky, que aponta um ‘consenso fabricado’ mantido pela mídia e pela sociedade de consumo.

A Soma, terapia criada por Roberto Freire (\*2), por sua vez, vem há quase quarenta anos desafiando os conceitos. Depois de uma pesquisa coletiva e individual dentro da Soma, por mais de dez anos estudando a Capoeira como instrumento científico de libertação, observei visões práticas diferentes. Para melhor entendimento da minha linha de pesquisa, este texto aborda um dos vários pontos que pretendo aprofundar em livro, que estou escrevendo e pretendo publicar ainda este ano. Assim, me reservo agora somente introduzir e questionar os **estilos** de Capoeira.

Vários pontos geram confusões na Capoeira, como o conceito de mestre e a ideologia por trás de conclusões históricas. Mestre pode ser um título, um certificado em papel ou um reconhecimento por um outro Mestre. Pode ser também o ato pedagógico de ensinar; qualquer um, à medida que ensine algo novo a outra pessoa, é mestre. E ainda há o reconhecimento pela comunidade, por méritos e experiência vivida (geralmente pessoas mais velhas se tornam mestres assim).

Mestre aparece na roda, no ritmo, no canto, no jogo e na liderança através dos diálogos da Angola. Mestre expõe seu comportamento na Roda de Capoeira, alguns também são mestres na roda da vida. Em pesquisa de 1997 (\*3), escolhi o termo ARTE (os termos 'folclore' e 'esporte' são mais rígidos, pois sofrem menos mudanças no decorrer do tempo) para conceituar a Capoeira. Coletei os termos **Angola, Regional, 'Contemporânea', Atual e de Rua**, mas não aprofundei suas diferenças. Os três estilos que atualmente vejo vivos e distintos entre si, são:

- **Capoeira Angola**,

- **Capoeira Regional**,

- **Capoeira 'Contemporânea'** (para evitar confusões escolhi 'Contemporânea' para substituir o termo 'angola-e-regional', quando o capoeira se diz praticante dos dois estilos anteriores).

Mas fica o alerta: Com a arte da Capoeira Angola em movimento, este texto, em poucos anos (ou décadas), ficará ultrapassado.

Sendo Arte, a Capoeira se modifica e preserva em sua própria estrutura o conceito mais arcaico e **Bantu** de movimento: *"Para os Bantu, especialmente os Congo, viver é um processo emocional, de movimento. Viver é movimentar, e movimento é aprender"*(\*4). O movimento básico no jogo da Capoeira, a ginga ("um andar sem sair do lugar..."), é uma homenagem à guerreira e rainha africana N'Zinga N'Bandi (1582-1663/1680, ou D. Ana de Sousa, nome de batismo na religião católica), que lutou por mais de quarenta anos contra a colonização e a escravidão no Congo e em Angola. A Capoeira adotou o local de sua luta para nomear-se (\*3) e homenageou seu movimento corporal básico inspirado na mulher que movimentou sua sociedade, politicamente, de baixo para cima.

O termo Angola vem de N'Gola N'Bandi que foi um rei que resistiu por várias vezes a expedições dos colonizadores portugueses, contra-atacando-os vitoriosamente. Quando em 1558, os povos nômades invadiram e destruíram o sul do reino de Congo, os reinos de N'Dongo e Matamba; um dos chefes, N'Gola N'Zinga doou a seu filho N'Gola N'Bandi o reino de N'Dongo, passando este a designar o nome do reino conquistado (N'Gola: Angola) (\*5). Somos em grande parte descendentes dos angolanos, e a vinda de escravos que eram reis e conhecedores profundos da cultura negra, se por um lado enriqueceu a cultura brasileira, favoreceu a atual miséria do povo africano. Somos assim responsáveis pela destruição da África, foi o início da globalização econômica, iniciada neste período do tráfico colonial com apoio da igreja católica, e que continua sua destruição até hoje.

Os locais de manifestação da Capoeira são sempre variados. Vão de recintos fechados às ruas, assim a categorização proposta por mim se baseará não no local e sim em **como** é realizada a RODA de Capoeira, seu ritual, ritmo, relação de movimentos de ataque e defesa, cantos e energia. Não querendo fechar conceitos, e sim questioná-los e abri-los ao diálogo, trago apenas alguns aspectos históricos e outros atuais, nos quais se poderão perceber estilos que se respeitam, mas que ocupam espaços distintos. Assim torna-se necessário desvendar aspectos mínimos de distinção entre capoeiras, já separadas numa realidade múltipla. A história da Capoeira Angola é a história da marginalidade brasileira, com conflitos étnicos, econômicos e sexuais que se preservam ainda hoje em uma sociedade das mais paradoxais: riqueza de bens de produção e consumo, riqueza ambiental e a riqueza da miscigenação étnica e cultural em contraste com uma pobreza social, absurdamente aceita.

### **Origens da Capoeira Angola**

Tudo começa na mãe África, continente originário dos primeiros homens que se espalharam pelo mundo, gerando todos os povos. O tráfico de escravos através do Atlântico foi um dos grandes empreendimentos comerciais e culturais que marcaram a formação do mundo moderno e a criação de um sistema econômico mundial (início da globalização). A participação brasileira nesta trágica aventura é estimada em 40% dos 15 milhões ou mais de homens e mulheres arrancados de suas terras (\*6). Pesquisas variam quanto à interpretação da ancestralidade africana da Capoeira. Sem querer definir uma verdade, mas tentando levantar possibilidades, trago três versões da origem da Capoeira:

- Nas pesquisas do **Grupo de Capoeira Angola Pelourinho (GCAP)**, Mestre Moraes acredita *"ser a Capoeira de origem africana, mais precisamente da Ilha de Lubango, na aldeia dos MUCOPES, localizada no sul de Angola. (...) Na época do acasalamento das zebras, os machos, a fim de*

ganharem a atenção das fêmeas, travavam violento combate. Daí os jovens guerreiros mucopes passaram a imitar alguns passos desse ritual, que denominaram de N'GOLO. Os habitantes dessa aldeia realizavam uma vez por ano uma grande festa com o nome de EFUNDULA, ocasião em que as meninas que já tinham atingido a puberdade e, estando assim prontas para o casamento, teriam como marido aquele guerreiro que tivesse a melhor performance na prática do N'GOLO" (\*7). Para a maior parte dos angoleiros, como os Mestres João Pequeno e João Grande, deste ritual deriva a Capoeira;

- Nas pesquisas de Mestre Camisa do **"ABADA-Capoeira"**, *"a Capoeira é fruto dessa fusão de culturas, lutas e rituais africanos, no Brasil"*. Como o N'GOLO, a **"BAÇULA"**, ritual da Ilha do Cabo *"(...) onde um derruba o outro através de agarramento, balões, pegar as pernas para derrubar, pescoço, cintura, o objetivo é derrubar o adversário (...) Eu acredito que os golpes de derrubar, de desequilibrar na Capoeira, tenham vindo da Baçula. Tem também a 'kabangula', que é uma luta de mão, que é um tipo de boxe com as mãos abertas. (...) Tem também o 'Umundiu', que é um ritual, um jogo, que usa as mãos e os pés, e tem também as danças acrobáticas"* (\*8);

- Para Mestre Cobrinha Verde (herdeiro de um dos maiores capoeiristas de todos os tempos, Besouro Mangangá), *"a Capoeira nasceu no Recôncavo, em Santo Amaro, criada pelos africanos que viveram acorrentados para trabalharem nos engenhos. Na África, eles usavam uma dança denominada de batuque. (...) Dessa dança é que foi construída a capoeira."* (\*9);

Termino esta etapa das origens, com Mestre Pastinha (Vicente Ferreira Pastinha – 5/04/1889-13/11/1981): *"...entre os mais antigos mestres de Capoeira figura o nome de um português, José Alves, discípulo dos africanos e que teria chefiado um grupo de capoeiristas na guerra dos Palmares. A história da Capoeira se inicia com a vinda dos primeiros escravos africanos para o Brasil"* (\*10) (grifo meu).

### **Onde a confusão aumenta...**

Existe uma névoa sobre a História da Capoeira, principalmente pela sua tradição oral e marginal. Os aspectos históricos, quando sem contextualização e aprofundamento, servem mais à confusão que ao esclarecimento. Uma informação 'clássica' sobre a desinformação da capoeiragem é a queima dos registros da escravidão no Brasil, por Ruy Barbosa, quando Ministro da Fazenda, em 15/12/1890. Esta informação, publicada em livro e revistas, é acrescentada do que se diz que ele fez isso para "apagar da memória brasileira essa lamentável instituição". Agora, quando contextualizamos essa informação e a criticamos, ela passa a ter outras interpretações: seria

queimando os registros que se apagaria da memória a 'lamentável' escravidão? Penso que somente aprenderemos com o passado, e não o repetiremos, se pudermos ter mais informações. Esquecer os erros do passado é a melhor forma de repeti-los. Além do mais, a simples queima dos arquivos não faria esquecer a escravidão. Na realidade, foi uma estratégia do governo para evitar que ex-proprietários de escravos buscassem uma compensação dos prejuízos que tiveram com a abolição da escravatura, dois anos antes.

Em 1998, com a publicação da primeira revista de distribuição nacional dedicada somente à Capoeira, houve um crescimento de informações disponíveis ao grande público. Logo em seguida, um 'boom' editorial com várias revistas ao mesmo tempo, mas a maioria não durou muito. Nessas revistas, com erros de revisão e de impressão, repetiam-se muito as informações, que se destinavam mais a divulgar grupos e egos. Por outro lado, houve a possibilidade de se encontrar muitas pesquisas sérias e aprofundadas.

A importância da Capoeira na sociedade brasileira está sendo descoberta aos poucos, mas nunca teremos uma visão real do que se passou na marginalidade. A partir da década de 80 são inúmeras as peças de um quebra-cabeça que surgem em estudos acadêmicos e de grupos independentes, que investigaram seriamente o passado da Capoeira. Como já coloquei, o tema deste artigo é outro, mas para quem queira pesquisar, é curioso como os capoeiristas famosos da nossa história, como Plácido de Abreu, Duque Estrada, Barão do Rio Branco, entre tantos, são omitidos no ensino brasileiro. E ainda há a importância dos capoeiristas brasileiros na Guerra do Paraguai, inclusive sendo o capoeira Chico Diabo (Cabo Francisco Lacerda) quem matou o presidente paraguaio Francisco Solano López em 1870, causando o fim da guerra (\*11).

Há uma separação entre o que foi a Capoeira desde as suas origens até o momento em que houve a cooptação pelo sistema dominante. Ela nasceu como uma arte de libertação, ajudando o negro, e depois os marginais a manterem um elo com seu passado. Uma arte negra que no Brasil foi se fortalecendo com contribuições variadas, inclusive dos indígenas, que apoiavam os negros em suas fugas no mato. Pois é sabido que os quilombos foram sociedades livres variadas: 70% da população dos oito principais quilombos eram negros, sendo 25% de índios e 5% de brancos, todos refugiados (\*12). Houve também contribuições dos portugueses Fadistas (cantores de Fado). Ágeis na luta corporal e no manejo da navalha, os Fadistas viviam nas ruas de Lisboa e do Porto no séc. XIX (\*13). O momento político de 1888-1889, ano da Abolição seguido pelo da Proclamação da República, mostra como o Estado Brasileiro conseguiu mudar para se manter igual na essência. A ‘revolução social e política’, chamada por Deodoro em sua Proclamação de ‘revolução nacional’, não alterava a relação **dominador versus dominado (em cima x embaixo)**. “*Eles administraram de tal maneira as mudanças no modo de produção que os ex-escravos – assim como os contadini e os bracianti, imigrados italianos que engrossaram então a classe subalterna – não tiveram, por força da lei, naquele transe, garantias de acesso à posse ou à propriedade da terra, ao trabalho e, muito menos, ao salário*” (\*14) (\*32). Sabemos que os primeiros decretos proibindo a Capoeira datam de 1814, seis anos após a chegada da Família Imperial ao Brasil. Nesse período, a população brasileira era de 3,6 milhões de habitantes, sendo 1,9 milhões (mais da metade) de escravos. A partir de 1890, na República, a Capoeira entra no Código Penal. Assim, depois de séculos de marginalidade, ela foi proibida oficialmente por mais de 120 anos. Temos menos de 70 anos de experiência de capoeiragem liberada.

Com origem provável no século XVI e desenvolvimento múltiplo nos séculos XVII, XVIII e XIX, a Capoeira sobreviveu a muitas mudanças. Não se constituindo de uma unidade de forma e ritos, foi capaz de dialogar “com novos contextos, adaptando-se no detalhe para conservar o essencial daquilo que a constituiu” (\*15). Sem dúvida, ela desenvolveu um potencial de luta que gerou as insurreições dos escravos – particularmente nas províncias que constituíam a zona do Paraíba ou grande zona do café (\*16), forçando a Lei Áurea. Aparecendo também como “defensora da pátria” na Guerra da Cisplatina (1825-1828) e na Guerra do Paraguai (1865-1870). Utilizada militarmente não só nas guerras, como nas eleições, por exemplo, em 1909, os cabos eleitorais capoeiristas elegeram o deputado negro e monarquista Dr. Monteiro Lopes, no Distrito Federal (RJ). No mesmo ano, estudantes cariocas promovem a luta entre o capoeira Ciríaco Francisco da Silva e o lutador de Jiu-jitsu Sada Miako. Com a vitória, Ciríaco tornou-se alvo de todas as atenções, inclusive sendo destaque em revistas nacionais. Enquanto isso, na marginalidade, de 1902 a 1909, na ‘Escola de Aprendizes da Marinha’, Mestre Pastinha ensinava aos seus colegas a arte aprendida com o africano Mestre Benedito.

### **...Capoeira Regional**

O processo de mutação da Capoeira é muito antigo. Em 1874, Raul Pederneira descreve na Gíria Carioca a primeira nomenclatura de movimentos e defende uma “desesportivização” da Capoeira. No Rio de Janeiro, em 1907, um oficial militar escreve o “**O Guia do Capoeira ou Ginástica Brasileira**”. Em 1928, o capoeirista Annibal Burlamaqui, conhecido como Zuma, publica “**Ginástica Nacional – Capoeiragem – Metodizada e Regrada**”. Alguns dizem que influenciou Mestre Bimba (Manoel dos Reis Machado, 1899/1900-1974), que cria a Luta Regional Baiana, fundando sua academia em 1932 (\*17-A). Mestre Nenel discorda dizendo que M. Bimba já tinha sua metodologia sendo desenvolvida desde 1918. Mestre Decânio aponta a importância de Dr. José “Sisnando” Lima para a fundação da Regional (\*17-B). Numa época em que a Capoeira era crime, Mestre Bimba a modifica, introduzindo novos golpes e uma sistematização do ensino. Consegue, depois de anos de muito esforço, a primeira autorização do Estado para a prática da Capoeira, em 9/7/1937, de um militar do Exército, o interventor federal do Estado Novo (primeira ditadura brasileira no século passado) na Bahia, Juracy Magalhães.

Novas mudanças nessa atribulada história de quase 400 anos: por estratégia militar de Getúlio Vargas, acontece a cooptação da Capoeira, numa tentativa de controle e de transformá-la em Educação Física e Esporte, dentro de seu projeto populista. Em 1934, Getúlio Vargas, interessado no voto feminino,

dos analfabetos, dos soldados, etc, extingue o decreto-lei que proibia a Capoeira e a prática de cultos afro-brasileiros. Mas, por outro lado, obriga que tanto os cultos quanto à Capoeira sejam realizados fora da rua, em recintos fechados, com um alvará de instalação. Novamente, o que parece com ‘liberdade’ é, na verdade, ‘controle’. Tanto que no final da década de 40 ainda havia a cavalaria da polícia impedindo a Capoeira na rua (e o toque de cavalaria no berimbau, avisando os capoeiras...). Interessante que nasce a Capoeira Regional a partir da Angola, por estratégia, com outro nome: Luta Regional. Nesse contexto, a Capoeira tradicional começa a ser chamada de Angola para uma melhor diferenciação. Em 1953, o Presidente Getúlio Vargas assiste a uma demonstração de Mestre Bimba e comenta sobre a Capoeira: “*a única colaboração autenticamente brasileira à educação física, devendo ser considerada a nossa luta nacional*” (\*18).

Com o crescimento da Regional, que era freqüentada por estudantes e trabalhadores com carteira assinada, a Angola continuou à margem da institucionalização até 23 de fevereiro de 1941, quando grandes mestres da época entregaram a Mestre Pastinha a responsabilidade de preservar a arte da Angola (\*19). Assim nasce o *Centro Esportivo de Capoeira Angola (CECA)*, registrado somente em 1/10/1952. Em 1955, instala-se no Largo do Pelourinho, Salvador, Bahia.

Apesar da aparente rixa entre os estilos, havia um respeito mútuo. Tanto os alunos de Mestre Bimba podiam freqüentar as rodas de Mestre Pastinha, como o contrário. Todos eram bem recebidos, até porque os golpes criados por Mestre Bimba não eram utilizados com alunos de outras escolas que não utilizassem o seu método. Começou então uma aceitação da junção das capoeiras. Relata Mestre Canjiquinha, que foi contra-mestre de bateria de Mestre Pastinha: “*Não existe capoeira regional nem angola. Existe capoeira. (...) Eu sou capoeirista. Não sou nem angoleiro nem regional. (...) Agora, capoeira é de acordo com o toque. Se você está numa festa: se tocar bolero você dança bolero; se tocar samba você dança samba; - a capoeira é conforme: tocando maneiro você dança amarrado, tocando apressado você apressa.*”(\*20).

### **Onde a confusão se espalha...**

O Rio de Janeiro também possui uma rica história marginal da Capoeira e uma rica influência das maltas de capoeiras ligadas à criminalidade e à política, que formavam quase um exército paralelo. Mais tarde, porém, houve o enfraquecimento da Capoeira carioca e uma “invenção da tradição” (\*21) da Capoeira baiana. Mestre Bimba leva seus alunos para São Paulo em 1949 para competir em luta livre: das cinco lutas, ganham três por nocaute. Mestre Bimba também viaja apresentando a Regional: em 1955, em Fortaleza-CE (Teatro José de Alencar); em 1956, no Rio de Janeiro (Maracanãzinho) e, em São Paulo (inauguração da TV Record); e, em 1968, em Teófilo Otoni-MG. Mestre Pastinha e o *CECA* viajam fazendo demonstrações em São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Paraná, Minas Gerais e Recife.

Apesar da existência de capoeiristas tradicionais no Rio, em 1964 começa um fenômeno novo. Alunos com pouca experiência na Angola e na Regional se juntam e formam o grupo carioca que viria a se chamar *Senzala* e a influenciar muito a Capoeira no sul/sudeste do país, tanto pela descaracterização (afastamento de rituais tradicionais), como pela incorporação de novas técnicas de ensino.

Em São Paulo, através de pioneiros como Mestre Zé de Freitas (discípulo do maior cantador de Capoeira Angola de todos os tempos, Mestre Waldemar da Paixão – BA) e Mestre Valdemar Angoleiro, abriu-se espaço para a vinda, na década de 60, de capoeiras que migram da Bahia buscando melhores condições de vida. Vieram mestres angoleiros e regionaleiros. Devido à falta de tradição da Capoeira na capital paulista, para melhor sobrevivência econômica desses mestres, há a necessidade de apoio mútuo. Mestre Suassuna, por exemplo, ajudou muitos capoeiristas a se estruturarem. Este processo de adaptação e sobrevivência é melhor exemplificado com a fundação, em 1967, da Academia *Cordão de Ouro*, formada pelos mestres Brasília e Suassuna, o primeiro da linhagem Angola de Mestre Canjiquinha e o segundo da linhagem Regional de Mestre Bimba. O que era impossível para Mestre Pastinha e Mestre Bimba acontece: a fusão de estilos se torna uma realidade. Na década de 50, a Capoeira chega a Belo Horizonte. Em 1963, Mestre Pastinha se apresenta na Universidade Católica, mas somente na década de 70 é que crescem as academias e a Capoeira se fortalece nas praças, sendo criada uma roda na Praça Liberdade, onde o público se reunia para ver a ‘vadiagem’. Por causa desta roda, surgiu a famosa *Feira Hippie*, que se desenvolveu e virou um

marco na cidade (hoje está na Av. Afonso Pena), no entanto poucos falam dessa origem ligada à Capoeira.

Em Curitiba, em 1973, a Capoeira se implanta através de Mestre Sergipe, depois que Mestre Eurípedes passou por lá no início da década de 70. Mestre Sergipe foi contra-mestre do angoleiro Mestre Caiçara, mas, como Mestre Brasília, também mudou de estilo. Em 1975, com a chegada de Mestre Burguês, a Capoeira se espalha na cidade. Ainda seguindo a história do poder cooptando a Capoeira, em 1968 e 1969 (segunda ditadura militar do século passado), a Comissão de Desportos da Aeronáutica patrocina dois simpósios nacionais sobre Capoeira com o intuito principal de estabelecer uma única nomenclatura para os golpes e defesas. Entre os vários mestres participantes estava Mestre Bimba, que se retira antes do término do segundo simpósio por não aceitar que a Capoeira Regional se fundisse com outras regras e 'modismos' (no primeiro simpósio ele enviou Mestre Decânio para representá-lo).

Interessante também que foram vários os capoeiristas que desejaram ter o mérito de Mestre Bimba, criando estilos com nomes e características próprias como a Capoeira Estilizada, a Muzenza, a Saramango, a Primitiva, a Barravento, etc. Mas nada disso vingou além de seus grupos e descendências. A não ser a criação coletiva da Capoeira 'Angola-e-Regional', que a meu ver, repito, não é nem Angola nem Regional.

A década de 70 é fundamental no encolhimento da Angola tradicional, resgatada por Mestre Pastinha. Em 1971, ele é enganado e perde sua academia no Largo do Pelourinho nº 19 e, em 1979, sofre derrame cerebral. Em 1981, morre cego, na miséria e quase esquecido. Com a morte de Mestre Bimba em 1974, também esquecido, enganado e na miséria, em Goiânia-GO, a Regional também perde sua força e o seu mentor.

Em 1º de Abril de 1966, Mestre Pastinha se apresentou junto com outros mestres e alunos na África, no I Festival Internacional de Arte Negra em Dakar, Senegal. Na década de 70 ocorre a expansão da Capoeira para a Europa e E.U.A., mas só em 1989 o angoleiro Contramestre Rosalvo migra para a Europa, fundando em 1997 a primeira academia européia de Capoeira Angola em Berlim, Alemanha. Em 1972, a Capoeira é homologada pelo Ministério de Educação e Cultura (MEC) como esporte e, em 1974, nasce a Federação Paulista de Capoeira. Em 1992, forma-se a Confederação Brasileira de Capoeira e, finalmente, em 1993, a Associação Brasileira de Capoeira Angola (ABCA). Assim, após milênios de ancestralidade lúdica e poucos séculos de agressividade para a luta, a Capoeira, que desenvolveu variações nas décadas de 20 a 50, com o nascimento da Regional e a sobrevivência da Angola, finalmente se descriminaliza. Consequentemente, se elitiza. Nas décadas de 60 a 90, a fusão e a mutação das capoeiras fazem surgir a 'Contemporânea', e, após breve enfraquecimento, renascem a Angola e a Regional. Entramos no século XXI com um lado da Capoeira ligado à marginalidade cultural e econômica, sendo a Roda de Capoeira um aprendizado de desobediência civil para a vida (detalhes no livro). Por outro lado, num outro estilo, está cooptada, servindo ao sistema estático da estrutura sócio-econômica que mantém as classes, as explorações e a escravidão (que chamamos hoje de globalização ou neo-liberalismo), divertindo ou competindo nas lutas de vale-tudo, ou ainda nas universidades e espaços militares, servindo ao hierarquismo e ao comodismo. Lembro aqui as palavras de Mestre Lua 'Rasta' da Bahia, "*... o capoeirista precisa se respeitar...os mais jovens procurarem se interar do que é capoeira, do que é liberdade, do que é militarismo; e a capoeira é anti-militar, a capoeira não tem nada a ver com militarismo...*" (\*22).